

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

JOÃO VICENTE CARDOSO KOHEM

**SUBVERTENDO EXPECTATIVAS: VIVÊNCIAS *QUEER* E LITERATURA  
DETETIVESCA EM *O CRIME DO BOM NAZISTA*, DE SAMIR MACHADO DE  
MACHADO**

Porto Alegre

2024

JOÃO VICENTE CARDOSO KOHEM

**SUBVERTENDO EXPECTATIVAS: VIVÊNCIAS *QUEER* E LITERATURA  
DETETIVESCA EM *O CRIME DO BOM NAZISTA*, DE SAMIR MACHADO DE  
MACHADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
Licenciado em Letras - Língua Portuguesa e  
Literatura de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e  
Literatura de Língua Inglesa pela Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elaine Barros Indrusiak  
Porto Alegre, 20 de agosto de 2024.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elaine Barros Indrusiak

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rejane Pivetta de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Dr.<sup>a</sup> Eduarda de Carli

Colégio Farroupilha, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

#### CIP - Catalogação na Publicação

Cardoso Kohem, João Vicente  
Subvertendo expectativas: vivências queer e  
literatura detetivesca em O crime do bom nazista, de  
Samir Machado de Machado / João Vicente Cardoso  
Kohem. -- 2024.  
33 f.  
Orientadora: Elaine Barros Indrusiak.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e  
Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e  
Literaturas de Língua Inglesa, Porto Alegre, BR-RS,  
2024.

1. O crime do bom nazista. 2. Samir Machado de  
Machado. 3. Narratologia. 4. Literatura queer. 5.  
Literatura de detetive. I. Barros Indrusiak, Elaine,  
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

*“Veja: ali está um bom homem, bom a seus próprios olhos e aos olhos de seus amigos: ele é fiel e leal a sua esposa, adora seus filhos pequenos e cuida deles com todo o carinho, ama seu país, se dedica ao seu trabalho, sempre fazendo o melhor que pode. Então, com eficiência e benevolência, ele extermina judeus: ele aprecia a música que soa ao fundo para deixá-los mais calmos [...]. Nosso homem supervisiona a equipe que leva os corpos até os fornos; e, se ele se sente mal, é porque ainda permite que o extermínio de pragas o afete. Ele sabe que, se fosse um bom homem de verdade, sentiria apenas alegria conforme a terra é purificada da infestação.*

*Deixe-o aí; causa-nos um corte profundo demais. Ele está próximo demais, e isso dói.”*

NEIL GAIMAN, *Deuses americanos*

*“Ah, que pena. Eu adoro filmes com nazistas. Eles explodem, caem de penhascos, a cara derrete e ninguém precisa se sentir culpado em torcer por isso. Ninguém te acusa de insensível. Quer beber alguma coisa, baby?”*

SAMIR MACHADO DE MACHADO, *Tupinilândia*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha família, em especial à minha mãe, que é o maior referencial que eu tenho na minha vida, e que esteve sempre ao meu lado nesta jornada (mesmo quando ela queria que eu fizesse Direito, ao invés de Letras); ao meu pai, esta pessoa tão engraçada e fanática pelo Grêmio (que também queria que eu fosse pro Direito, mas que ficou satisfeito por eu seguir o curso que eu queria); e à minha irmã, que é uma artista e designer de primeira. Apesar de sermos bastante diferentes uns dos outros, vocês moldaram e moldam quem eu sou todos os dias da minha vida - seja como filho, seja como irmão mais velho. Um abraço quentinho em vocês três.

Agradeço a minha orientadora, Elaine, por toda a paciência na hora de me ouvir falar sobre os livros do Samir durante os nossos encontros do Grupo de Estudos de Narratologia e Intermidialidade - o GENI -, e por me guiar nas minhas diversas dúvidas em como construir este trabalho. É maravilhoso poder me graduar falando de um autor porto-alegrense que eu gosto tanto, e espero que este seja apenas o início de uma longa jornada acadêmica juntos, profe.

À Nati, ao Márcio e à Marina - meus Letristas Sobreviventes. A primeira me apresentou a minha segunda casa na UFRGS, o PET Letras; o outro me fez encarar a vida com mais seriedade, sem perder a leveza e o deboche; e a última foi a minha primeira amiga na universidade, que acabou me apresentando aos outros dois. Nutro um carinho imenso por vocês, e as nossas memórias (bem como os nossos cafezinhos) juntos jamais serão esquecidos por mim.

À Aline, meu amor, que esteve comigo durante praticamente toda a escrita desta tese. Tu me dá forças todos os dias, e mal posso esperar para nos reencontrarmos de novo em Manaus, comendo pirarucu com açaí, tomando suco de cupuaçu gelado, e nos abraçando no calor da tua cidade. Contigo, o Rio Grande do Sul e o Amazonas parecem cada vez mais próximos - e o nosso país, paradoxalmente, cada vez maior.

Ao Alves, meu amigão, que ajudou a moldar boa parte do meu gosto desde os tempos da adolescência - seja com ficção científica, com fantasia ou com histórias em quadrinhos. Jamais teria conhecido os livros do Samir se tu não tivesses me falado sobre eles, querido.

Ao Bruno e ao Bertola, dois dos meus melhores amigos, por estarem comigo durante tantos anos, desde o ensino fundamental no Colégio João XXIII. Quem diria que chegamos aonde chegamos depois de tantas aventuras e risadas, não é mesmo? Obrigado por não

desistirem de mim, por mais longe que eu estivesse. Não troco a companhia de vocês por nada - mesmo quando é pra vocês zoarem com a minha cara.

Ao Arthur, à Amanda e ao Felipe. Não apenas vocês aguentaram a minha nerdice, como também compartilharam boa parte dela, e, principalmente, me esclareceram diversas dúvidas que eu tinha sobre como fazer um trabalho acadêmico. Obrigado, queridos.

Ao Samuel, que deu uma chance a *Homens elegantes* e a *O crime do bom nazista*, e que compartilha comigo a mesma mania de colecionar livros e não os ler.

Ao meu mestre de hapkido, Alexandre Gomes, por ter me apresentado essa arte marcial coreana incrível, e que me ajuda todo dia a melhorar o meu equilíbrio entre corpo/mente - essencial para me acalmar na hora da feitura deste trabalho.

Ao Samir Machado de Machado, por me mostrar que grandes contadores de histórias podem vir de qualquer lugar - até mesmo da minha cidade natal. O pequeno João Vicente, que sonhava em ser escritor, adoraria ter lido os teus livros na biblioteca da escola em que estudou.

E por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer aos meus colegas do PET Letras da UFRGS, que foram a minha segunda casa na universidade. Em especial, gostaria de agradecer ao tutor do nosso grupo, o professor Gabriel de Ávila Othero, que foi como um segundo pai para mim durante a graduação; e à Gabi, que, além de ser excelente pessoa e amiga, foi quem (junto do Arthur) me inseriu no meio do GENI. Ainda preciso te devolver os teus quadrinhos, querida - espero que, depois da entrega deste trabalho, eu consiga algum tempinho pra ler eles.

## RESUMO

Desde a sua consagração, o romance detetivesco se fez cada vez mais presente no Ocidente. Todavia, de acordo com Dias (2021), esse gênero tem experimentado não apenas uma crescente popularização, mas, também, uma notória complexificação de suas temáticas, acarretando a exploração de ideologias antes impensáveis nos romances do tipo *whodunit*. Com base nessa premissa, este estudo visa analisar como o romance *O crime do bom nazista*, de Samir Machado de Machado, aborda questões deste gênero literário em específico – à luz de autores como Mário Pontes (2007), Daise Lilian Fonseca Dias (2021), Alberto Mussa (2021) e Tzvetan Todorov (2006) – ao dar voz e explorar vivências LGBTQIAPN+ reprimidas durante a Alemanha nazista. O trabalho é dividido em duas partes: na primeira, há uma recapitulação das origens e da estrutura do romance detetivesco. Já na segunda, discuto as características da literatura de Machado, e analiso a sua última obra, verificando como essas características se comportam na dita literatura detetivesca, e o que elas nos permitem inferir sobre esse gênero literário. Adicionalmente, faço uso dos conceitos de “efeitos de primazia e de recenticidade”, de Meir Sternberg (1978), para demonstrar como a trama do romance brinca com as expectativas dos leitores com relação ao que esperar de uma história de detetive; e como o conceito de “exposição” permite formar, no texto, um paralelo entre o nazismo e correntes recentes de extrema-direita no Brasil, além de servir para pintar um retrato da população *queer* de Berlim da época.

**Palavras-chave:** Efeitos de primazia e de recenticidade. Exposição. Literatura brasileira. O crime do bom nazista. Romance detetivesco. Samir Machado de Machado.

## ABSTRACT

Since its consecration, the detective novel has become increasingly present in the West. However, according to Dias (2021), this genre has experienced not only increasing popularity, but also a notable complexification of its themes, leading to the exploration of ideologies previously unthinkable in whodunit novels. Based on this premise, this study aims to analyze how the novel *The crime of the good nazi*, by Samir Machado de Machado, addresses issues of this specific literary genre – in light of authors such as Mário Pontes (2007), Daise Lilian Fonseca Dias (2021), Alberto Mussa (2021) and Tzvetan Todorov (2006) – by giving voice to and exploring LGBTQIAPN+ experiences repressed during Nazi Germany. The work is divided into two parts: in the first, there is a recap of the origins and structure of the detective novel. In the second, I discuss the characteristics of Machado's literature and analyze his latest work, verifying how these characteristics behave in the so-called detective literature, and what they allow us to infer about this literary genre. Additionally, I use Meir Sternberg's concepts of "primacy and recency effects" to demonstrate how the novel's plot plays with readers' expectations regarding what to expect from a detective story; and how the concept of "exposition" allows for a parallel to be drawn in the text between Nazism and recent far-right movements in Brazil, in addition to serving to paint a portrait of Berlin's queer population at the time.

**Keywords:** Brazilian literature. Detective novel. Exposition. Primacy and recency effects. Samir Machado de Machado. *The crime of the good nazi*.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>1. AS ORIGENS E A ESTRUTURA DA LITERATURA DETETIVESCA</b>	<b>12</b>
<b>2. <i>O CRIME DO BOM NAZISTA</i></b>	<b>14</b>
2.1. A literatura de Samir Machado de Machado	14
2.2. A narrativa de <i>O crime do bom nazista</i>	16
2.3. Sternberg, o zepelim e o entretenimento	20
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>30</b>
<b>4. REFERÊNCIAS</b>	<b>32</b>

## INTRODUÇÃO

Foi apenas durante os meus anos recentes de faculdade que passei a me interessar ativamente pelas novidades da literatura brasileira contemporânea. Antes disso, meu contato com a literatura do nosso país era muito mais escasso. Em sua maioria, os livros brasileiros com que eu tinha mais afinidade ou eram livros infantojuvenis (como *A droga da obediência*, de Pedro Bandeira, e a série do *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato) ou livros de fantasia (como a *Tetralogia angélica*, de Eduardo Spohr). O interesse pelos grandes clássicos do Brasil só viria mais tarde, no Ensino Médio, quando a disciplina de Literatura foi adicionada na minha grade curricular de disciplinas. Vendo a potência que a literatura nacional tinha, demonstrada por grandes escritores como Machado de Assis e Erico Verissimo, e observando o tipo de entretenimento de massa que eu consumia (além da formação de uma consciência crítica conforme eu crescia, decorrente não apenas de meu amadurecimento como pessoa, mas, também, da realidade que o Brasil estava vivendo naquele momento), eu acabava por me perguntar: por que não havia um foco maior de autores nacionais em uma literatura dita “de entretenimento”? Uma literatura que não deixasse de dizer algo pertinente sobre a realidade brasileira existente, mas que, ainda assim, proporcionasse o prazer que muitas vezes encontramos na leitura de um livro?

As respostas para essas perguntas não são simples, e nem são o foco principal deste trabalho. Todavia, o contato com a obra do escritor aqui analisado me ajudou a compreender um pouco melhor essas questões, e como esse tipo de literatura poderia ser feito no Brasil - sem ser de maneira alienante ou que meramente replicasse, sem questionamento, os formatos estrangeiros vindos de romances ingleses ou americanos. Tendo sido apresentados a mim por um de meus melhores amigos, os livros do porto-alegrense Samir Machado de Machado traziam histórias de aventura (narrativas de espionagem, de capa-e-espada, de mundos perdidos...) passadas em diferentes contextos da História mundial e brasileira, como a Londres de 1760, o Brasil da década de 80, ou a Alemanha nazista do início dos anos 30. Muito além de uma mera viagem ao passado, essas histórias sempre buscavam demonstrar questões não superadas da História pregressa de nosso país - em especial, a presença de pessoas LGBTQIAPN+<sup>1</sup> ao longo dela. Não apenas a discriminação e o preconceito que essas pessoas sofriam (e que ainda persistem na contemporaneidade brasileira), mas como elas resistiam e prosperavam nesse contexto, mostrando suas alegrias e o seu prazer em viver uma vida

---

<sup>1</sup> Importante destacar que essa sigla representa uma denominação e um entendimento modernos acerca destas pessoas e do(s) movimento(s) *queer*, não sendo essa a nomenclatura que era usada para se referir a pessoas LGBTQIAPN+ nos diferentes contextos e locais da História humana.

romântica e sexual que fosse completamente contra as normas repressivas estabelecidas por essas sociedades heterocisnormativas e ocidentais.

Foi em 2023, então, que me deparei com o livro mais recente (até o momento da escrita deste trabalho) lançado por Samir Machado de Machado: *O crime do bom nazista* (Todavia, 2023). De título provocador e incômodo, este curto romance conta a história de um assassinato ocorrido em um zepelim alemão durante uma viagem ao Brasil, no início da década de 30, quando Adolf Hitler (1889-1945) havia recém ascendido ao posto de chanceler da Alemanha. Em poucas páginas, o livro de Machado me deixou questionando as bases ideológicas em que a literatura de entretenimento (neste caso, representada pela história de detetive) é erigida, e como um autor pode brincar com tais pressupostos para questioná-los e, com isso, contemplar outras visões de mundo que, normalmente, não são abordadas pelo gênero narrativo em questão, de forte tradição no mundo anglófono.

O objetivo deste trabalho, então, é analisar como, através das estruturas narrativas do romance detetivesco, *O crime do bom nazista* brinca com as expectativas dos leitores sobre o que esperar de um livro do gênero, ao mesmo tempo que usa de uma literatura dita “de entretenimento” para legitimar a existência de pessoas LGBTQIAPN+ ao longo da História, além de tratar das semelhanças (bastante incômodas) entre o nazismo e os movimentos de extrema-direita que surgiram no contexto brasileiro das últimas décadas. Desta forma, para a minha análise do romance, este trabalho se baseou nos conceitos de efeitos de primazia e de recenticidade (“primacy and recency effects”), bem como o de exposição, conforme definidos pelo narratologista Meir Sternberg (1978). Já aspectos da estrutura narrativa e da origem do romance de detetive (e como ele se diferencia do romance policial) são discutidos através da sistematização das regras do gênero por Mário Pontes (2007) e das análises de Dias (2021), Mussa (2021) e Tzvetan Todorov (2006). Por fim, são utilizados textos não-ficcionais do próprio autor de *O crime do bom nazista*, Samir Machado de Machado, para iluminar questões sobre a ideologia presente nos romances de entretenimento, e como eles propagam valores e ideias que ajudam a formar a identidade de uma nação.

## 1. AS ORIGENS E A ESTRUTURA DA LITERATURA DETETIVESCA

Em primeiro lugar, é necessário fazer um questionamento: o que é, exatamente, a literatura detetivesca? Para isso, é importante ressaltar que, muito antes de qualquer formulação teórica acerca desse gênero literário em específico, diferentes sociedades e culturas humanas ao redor do mundo já possuíam as suas próprias narrativas criminais. O jornalista e escritor Mário Pontes cita, em seu livro *Elementares: notas sobre a história da literatura policial* (Odisséia Editorial, 2007), as narrativas criminais chinesas da segunda metade do primeiro milênio da era cristã, por exemplo: histórias em que os protagonistas - governadores chineses - precisavam solucionar algum crime em suas províncias, muitas vezes usando da violência e da força bruta para isso (Pontes, p. 130).

Já o autor Alberto Mussa, famoso pelo seu *Compêndio Mítico do Rio Janeiro* (um ciclo de cinco romances policiais históricos, cada um ambientado em um século específico de existência da capital fluminense), relembra em seu ensaio *Eu, leitor de Poe* (Antofágica, 2021) um mito indígena bororo, no qual um líder de aldeia deve fazer uma investigação para descobrir quem violentou a sua esposa - o culpado sendo o seu próprio filho. De acordo com o autor, essa também já poderia ser considerada uma narrativa com característica criminal, dado que ela “trata de um *crime* [...] cujo desenvolvimento [da narrativa] corresponde ao processo de *investigação*.” (Mussa, p. 218). Além disso, mesmo o ouvinte do mito sabendo que o culpado era o filho do chefe indígena (pois isso é apontado logo no começo da narrativa), há ainda uma “*tensão expectativa* (‘suspense’) durante o desenvolvimento do relato, seja na fase da investigação, seja na da tentativa de punição ao culpado.” (Mussa, p. 219).

Todavia, tanto Pontes quanto Mussa parecem concordar que, para se ter uma literatura detetivesca de fato, uma nova figura precisa entrar em cena: o detetive de soluções práticas e com um pensamento analítico. É aí então que surge C. Auguste Dupin, famoso personagem de Edgar Allan Poe (1809-1849), que apareceu pela primeira vez no conto *Os assassinatos da rua Morgue* (1841). É por conta disso que, neste trabalho, optei por denominar esse tipo de narrativa como *detetivesca*, pois, apesar de muitas vezes *literatura criminal*, *literatura policial* e *literatura detetivesca* serem usadas de maneira equivalente, a última nomenclatura me pareceu mais adequada, dado o referencial teórico de que faço uso. Vejamos o porquê disso.

Como já foi dito acima, a base de uma literatura criminal, em meu entendimento, é o relato (seja oral, seja escrito) de um crime ocorrido, o seu processo de investigação e a tensão expectativa de um ouvinte/leitor em cima disso. Já a narrativa policial seria aquela em que, ao investigar-se o “quem fez isso?” - com “isso” sendo, muitas vezes, a eliminação de um personagem (Pontes, p. 22) -, o agente responsável por conduzir a investigação seja um

propagador da lei e da ordem: um policial. E, embora *romance policial* e *literatura detetivesca* sejam usados normalmente como sinônimos, pode-se entender que a literatura detetivesca *stricto sensu* é aquela em que o investigador é alguém de fora dos meios oficiais de cumprimento da lei - o detetive particular. É por isso que Poe e sua criação são tão importantes: embora Dupin seja peça-chave para manter o *status quo* da sociedade burguesa de que faz parte, ele é um indivíduo que triunfa *de fora* dos aparatos oficiais da lei e da ordem. É a valorização do raciocínio e da análise individual acima daquilo que é protocolar e institucionalizado no mundo do crime.

Dupin e Poe foram, então, os paradigmas para que a literatura detetivesca fincasse raízes na tradição literária do Ocidente. Mussa (2021) acredita que a maior contribuição do autor estadunidense foi criar<sup>2</sup> uma teoria desse tipo de narrativa, sustentada pelo tripé a) o pensamento analítico como melhor meio para solução de um enigma; b) a verdade está sempre nos pormenores; e c) a aparente insolubilidade de um enigma decorre da limitação de perspectiva de quem investiga ou analisa. Além disso, o autor carioca acredita que, para Poe, “um raciocínio, em si mesmo, pode ter *beleza*” (Mussa, p. 224), deixando claro que a graça no romance de detetive não reside apenas na mera solução de um crime/mistério, mas, principalmente, em como o raciocínio de quem investiga pode instigar a imaginação e divertir o leitor que acompanha aquela narrativa.

Assim, apesar de possuir diversos antecedentes ao longo da história, é comum que estudiosos apontem os contos de Dupin como a base fundadora/ponto de partida da qual toda a literatura detetivesca do Ocidente se derivou, criando uma tradição literária muito própria e que daria origem a diferentes vertentes ao longo do tempo. Seja através das aventuras de um certo detetive inglês acompanhado de seu fiel escudeiro numa Londres vitoriana, seja através das viagens de um excêntrico senhor com um bigode mais excêntrico ainda, é fato que os crimes de Poe renderam frutos.

Frutos estes, aliás, que acabaram germinando até mesmo na prosa de um escritor do Extremo Sul do Brasil, quase duzentos anos depois.

---

<sup>2</sup> Aqui, Mussa não está dizendo que Edgar Allan Poe necessariamente criou uma teoria narrativa sobre as histórias de detetive, como ele mesmo já fizera sobre a poesia, no seu *A filosofia da composição* (1846). Ele está, na verdade, dizendo que o trio de histórias protagonizadas por Dupin - *Os assassinatos na rua Morgue* (1841), *O mistério de Marie Rogêt* (1842) e *A carta roubada* (1844) - serve como uma espécie de paradigma para se analisar as bases de todo esse gênero literário.

## 2. O CRIME DO BOM NAZISTA

### 2.1. A literatura de Samir Machado de Machado

Com uma produção bibliográfica numerosa e bastante aclamada por público e crítica, Samir Machado de Machado tem se consolidado como um dos autores nacionais mais interessantes dos últimos anos. Seus romances - dentre eles, *Quatro soldados* (Não Editora, 2013; Rocco, 2017), *Homens elegantes* (Rocco, 2016), *Tupinilândia* (Todavia, 2018), *Piratas à vista!* (FTD Educação, 2019), entre outros títulos - podem facilmente ser encaixados no rótulo de “romances históricos”, bem como, também, de “romances de entretenimento”. Todavia, com relação ao primeiro tipo, é importante ressaltar que, diferentemente de escritores estrangeiros que ficaram famosos com esse gênero, como os britânicos Bernard Cornwell e Ken Follett, Machado se utiliza do romance histórico não apenas para reconstruir uma determinada época da história do mundo, mas, também, para reafirmar a presença de questões não superadas do nosso passado na constituição da contemporaneidade brasileira.

*Tupinilândia* (Todavia, 2018), por exemplo, reconstitui a atmosfera do Brasil oitocentista para tratar das chagas que a ditadura militar deixou na nossa sociedade, e como isso levou, invariavelmente, ao surgimento de novos fascismos dentro do país. O parque Tupinilândia, construído pelo magnata João Amadeus Flynguer no interior da Amazônia paraense, seria um símbolo para os novos tempos que se aproximam com a redemocratização: suas atrações seriam todas referências e homenagens à cultura nacional, criando uma narrativa que imergisse o público numa utopia consumista de futuro. Porém, como aponta Lua Gill da Cruz (2021) em sua tese de doutorado, essa mesma narrativa - a de uma exaltação nacional, usando o consumo e o mercado como maneiras de se entender o Brasil - pode facilmente ser substituída por narrativas mais autoritárias:

Esse projeto audacioso de “utopia futura” via mercado é, portanto, interrompido por “utopias” conservadoras do passado: um grupo de integralistas que acusa o parque de tentar fundar uma cidade comunista. Contrários à abertura e à redemocratização do país e enxergando no projeto de João uma continuidade da lógica “comunista” e da “apologia contrária aos preceitos da ditadura”, um grupo de integralistas toma a cidade e faz uma caçada, em uma das partes mais aventurescas do romance, contra a família Flynguer e seus funcionários. [...] A “utopia do futuro” é interrompida pelas “utopias do passado” integralista. (Cruz, 2021, p. 268)

Já *Homens elegantes* (Rocco, 2016) vale-se de tropos característicos de narrativas de espionagem inglesas para retratar a comunidade LGBTQIAPN+ na Inglaterra de meados do

século XVIII. Na trama, acompanhamos um jovem soldado brasileiro - Érico Borges, uma homenagem a Erico Verissimo e Jorge Luis Borges - que, a mando do conde de Oeiras (futuro Marquês do Pombal), vai para Londres investigar uma rede de contrabando de livros eróticos para o Brasil. No caminho, ele acaba encontrando o amor na figura de um outro rapaz - o jovem padeiro brasileiro Gonçalo Picão - e um ferrenho inimigo: o Conde de Bolsonaro, homem detestável e extremamente homofóbico.

Como pode-se perceber, a própria figura do interesse amoroso do protagonista já é uma brincadeira com a literatura e o cinema de espionagem britânicos. Nos romances de Ian Fleming (1908-1964), por exemplo, encontramos o seu mais famoso personagem, James Bond - um dos ícones máximos da heterossexualidade, tanto no cinema quanto na literatura. Rodeado de símbolos fálicos, sendo sempre o agente mais másculo e viril de todos, é Bond quem está sempre cercado das mais belas mulheres - mulheres estas com nomes escancaradamente sexuais e de duplo sentido, como a famosa Pussy Galore<sup>3</sup>. As *Bond girls*, como ficaram conhecidas, se tornaram tão icônicas que receberam até essa designação na cultura popular, sendo uma das provas da sexualização e do machismo presentes nas histórias do superespião inglês - afinal, elas são todo um conjunto de personagens femininas que serviam apenas para ser par romântico/sexual de James Bond.

Desse modo, ao transformar o fálico de Fleming, símbolo da heteronormatividade, em uma exaltação às paixões e vivências LGBTQIAPN+, Machado não está apenas “desconstruindo” o romance de espionagem: há, aqui, uma troca de ponto de vista e de valores - algo parecido com o que o autor faria em seu romance infantojuvenil *Piratas a vista!* (FTD Educação, 2019). Nele, Machado se utiliza das histórias de pirataria para propor uma perspectiva sul-americana sobre o tema. Diferentemente da maioria das narrativas *mainstream* que vemos no cinema e na literatura de Língua Inglesa sobre o assunto (com sua excessiva romantização da figura do pirata e sua busca pelo tesouro), os bucaneiros de Machado são retratados como os vilões da história: são europeus que vem para o Brasil para roubar as riquezas do nosso país, causando violência e tumulto no caminho. A aventura e os combates navais ainda estão lá, mas a ótica com que se olha para essas histórias de pirataria foi mudada completamente.

Portanto, é a partir dessas características presentes na obra de Machado - isto é, a reconstituição de determinada época ou gênero literário, e a presença e vivências de pessoas

---

<sup>3</sup> “Vagina em abundância”, numa tradução livre.

LGBTQIAPN+ ao longo da História - que passaremos para a análise de seu romance mais recente: *O crime do bom nazista* (Todavia, 2023).

## 2.2. A narrativa de *O crime do bom nazista*

Brasil, 1933. Um dirigível pousa e levanta voo do Campo do Jiquiá, em Recife, partindo rumo ao Rio de Janeiro. No seu interior, os passageiros encontram tudo do bom e do melhor que o dinheiro pode proporcionar em uma viagem dessas - desde um comissário de bordo que atende a todos com muita prontidão, até um elegante salão-restaurante no meio da aeronave. Os tripulantes - dentre eles, um policial, um médico sanitaria, uma baronesa, um importador de café e o comissário-chefe -, confinados naquele ambiente restrito, passam a conversar entre si para matar o tempo. Até que, em dado momento, ocorre um misterioso assassinato no meio da noite. Junto do comandante-chefe da aeronave, o policial investiga e interroga cada um dos principais suspeitos do crime - e, ao final da história, chega-se a uma conclusão reveladora e surpreendente.

Falando-se dessa maneira extremamente resumida e superficial, pode parecer que *O crime do bom nazista* é nada mais que uma mera replicação das fórmulas literárias utilizadas pela Rainha do Crime, Agatha Christie (1890-1976), em seus romances - em especial um de seus mais famosos, *Assassinato no Expresso do Oriente* (1934), em que diversos personagens se encontram enclausurados dentro de um luxuoso trem, e o detetive belga Hercule Poirot deve descobrir o culpado por um assassinato ocorrido à noite. Todavia, logo percebemos que o romance de Samir Machado de Machado está questionando o lugar-comum da literatura detetivesca: afinal, o que acontece quando, em uma história dessas, o investigador encarregado do caso faz parte da polícia criminal da Alemanha nazista? E o que dizer quando os possíveis responsáveis pela morte do passageiro - sendo este, possivelmente, um fotógrafo judeu, comunista e homossexual - são todos apoiadores do (e beneficiados pelo) regime autoritário e genocida de Adolf Hitler?

Dias (2021) mostra que, desde os contos de Dupin escritos por Allan Poe até toda a literatura policial que se seguiu após a publicação deles no século XIX, a tônica ideológica do gênero reside, muitas vezes, na manutenção do *status quo* da sociedade que produziu aquelas histórias: qualquer infração que perturbe a paz da sociedade burguesa, por menor ou mais grave que seja, deve ser combatida, e os culpados, trancafiados atrás das grades. Justamente por conta disso, Machado parece querer questionar e subverter a base em que essas histórias eram erigidas, já que sua narrativa explicitamente denuncia (sem se tornar panfletária) os valores que



guiam as personagens dentro do zepelim - no caso, valores de supremacia branca e heterossexual. É como aponta Mário Pontes em seu *Elementares*:

[...] a criação da mais popular das formas da literatura de ficção era monopólio das elites. Isso tanto em termos de origem social dos autores quanto no tocante aos personagens e ambientes dos novos romances detetivescos. A aristocracia do espírito incorporada pela aristocracia social.

Pelo menos no mundo anglo-saxão [...], a aristocratização da literatura detetivesca foi uma tendência avassaladora nas duas primeiras décadas do século XX. (Pontes, 2007, p. 176)

Assim, acompanhamos o desenrolar dos eventos de *O crime do bom nazista* pela perspectiva de Bruno Brückner, membro da *Kriminalpolizei* nazista em Berlim. De olhos cinzentos, cicatriz no rosto, suástica no uniforme e com “um olhar neutro e distante de indiferença” (Machado, 2023a, p. 10), Herr Brückner parece, a princípio, uma figura a se temer, já que, sendo um agente de manutenção do regime nazista, é ele quem possui a autoridade máxima dentro do zepelim - mesmo que seus companheiros de viagem façam parte da elite que comandava a Alemanha naquela época. Afinal, eram poucos os que podiam se dar ao luxo de cruzar o Oceano Atlântico através de uma viagem tranquila e rápida pelos céus, ao invés de passar várias semanas ou meses em um navio.

Através de Bruno, focalizador da narrativa, conhecemos a maior parte das personagens do romance no segundo capítulo, quando eles se reúnem no restaurante do dirigível para jantar: o comissário-chefe Heinrich Kubis, sempre disposto a atender os pedidos dos passageiros; o crítico de arte William Hay, que louva as artes clássicas e despreza as modernas - consideradas por ele como “degeneradas” -; a baronesa Fridegunde van Hattem, mulher extremamente rica cujo marido (um empresário) foi financiador de primeira hora do partido nazista; o doutor Vöegler, médico eugenista que viaja ao Brasil para participar de um congresso da Sociedade Eugenista de São Paulo; e Otto Klein, um importador de café que recebeu generosos contratos de fornecimento para o governo de Adolf Hitler. Junta-se a eles um dos únicos personagens reais da trama, o comandante Hugo Eckener (1868-1954) - herói de guerra alemão que, diferentemente dos tripulantes do zepelim que pilota, odeia ferrenhamente os nazistas.

É o comandante que revela a Bruno que houve um assassinato no zepelim, com um corpo encontrado no sanitário masculino, ao final da aeronave. Para evitar um escândalo e constrangimentos diplomáticos - afinal, um passageiro morreu no espaço aéreo brasileiro, em um veículo que transportava membros da elite alemã e brasileira -, Eckener pede que o policial investigue de maneira discreta o crime, sem alarde. A vítima, o policial descobre, é Otto Klein,

que havia se retirado mais cedo do jantar da noite anterior, com seu comportamento gerando desconfiança entre as personagens presentes. Além de sentir o cheiro de amêndoas amargas na boca do morto, levando-o a crer que Klein havia tomado cianureto, Bruno encontra em seus pertences, entre outras coisas, 1) um segundo passaporte, sem fotografia, com o nome “Jonas Shmuel Kurtzberg” - significando que, se aquela fosse a real identidade de Otto Klein, o morto seria um judeu; 2) equipamento fotográfico, incluindo um frasco pequeno contendo ferrocianeto de ferro - um pó azul que, se misturado com ácido clorídrico, produz cianureto; 3) dois exemplares de revistas de cultura alemãs, voltadas para o público LGBT da época (uma especificamente destinada para o público gay, mais elitista, e a outra mais popular, voltada para diversos tipos de sexualidades e gêneros não-heteronormativos), com o anúncio em uma delas de um estúdio fotográfico de um certo “J. Kurtzberg”; e 4) diversas fotografias artísticas de belos rapazes em calções de banho, posando nas paisagens alemãs. Munido destas pistas, o policial parte para o interrogatório individual de cada um dos suspeitos de matar Otto Klein/Jonas Kurtzberg, sendo estes as pessoas que interagiram com o falecido na sala de jantar do dirigível, na noite anterior.

Ao final dos interrogatórios, no penúltimo capítulo, Bruno reúne todos os interrogados e o capitão do dirigível na proa da aeronave para lhes dar o seu veredito: Otto Klein, cujo identidade verdadeira era a do fotógrafo judeu e homossexual Jonas Kurtzberg, havia se suicidado no zepelim. Bruno diz que chega a essa conclusão não porque acha que o morto tenha, de fato, se suicidado, mas sim porque uma investigação mais aprofundada traria escândalos para a companhia aérea de Hugo Eckener - e, mais importante, para o governo alemão. Além do mais, se o morto fosse quem realmente era, porque eles, os defensores da causa ariana, deveriam “[...] fazer justiça a um judeu homossexual e possivelmente comunista?” (Machado, 2023a, p. 94). Dessa forma, os tripulantes e o comandante fazem um acordo: ao sobrevoar o Rio de Janeiro à noite, o corpo de Klein é desovado na baía de Guanabara, e nenhum dos envolvidos jamais tocaria no assunto de novo. O capítulo termina com Herr Brückner encurralando William Hay - que havia sugerido a possibilidade de Klein ser um agente comunista a Bruno, além de ter se revelado como um dos colaboradores das revistas *queer* encontradas pelo policial - no seu quarto no Hotel Glória, perguntando a ele: “Pensou que ia escapar de mim?” (Machado, 2023a, p. 98).

Neste clima de suspense causado por esse *cliffhanger* ao final do capítulo, o leitor é jogado, no décimo capítulo - o último, e mais longo do romance -, para maio daquele ano de 1933, antes dos eventos narrados anteriormente começarem. Agora, vemos Jonas Kurtzberg, William Hay e outros homens numa sessão clandestina de cinema no estúdio fotográfico de

Kurtzberg, em Berlim. Ao final do filme, chamado *Anders als die Andern* (“Diferente dos outros” de 1919, que tratava abertamente em sua trama de uma temática homossexual), os presentes começam a conversar entre si, quando são interrompidos por milicianos nazistas que invadiram a sessão. Jonas e Willy fogem e vão parar em um beco, onde o primeiro é humilhado e espancado, quase até a morte, por um homem. Completamente desfigurado, Jonas aceita a proposta de Willy de escapar para o Brasil, com medo do que o futuro destinava a todos aqueles que fossem diretamente perseguidos pela política genocida de Adolf Hitler.

Em setembro daquele mesmo ano, após se despedir do seu irmão, da sua cunhada e de seu sobrinho de dez anos de idade (os quais jamais encontraria de novo, porque seriam levados ao campo de concentração de Sachsenhausen), Jonas, de aparência completamente modificada após a sua recuperação do espancamento, parte de trem rumo ao campo de pouso da Luftschiffbau Zeppelin, onde ele e Willy, fingindo não se conhecer, embarcam no zepelim. Viajando sob a identidade falsa do policial nazista Bruno Brückner - afinal, “[...] em uma sociedade baseada em concordância não se questiona a legitimidade de figuras de autoridade.” (Machado, 2023a, p. 113) -, Jonas acaba reencontrando o seu agressor em Recife, enquanto espera para embarcar novamente no zepelim: descobre que seu nome é Otto Klein, e Jonas está disposto a tudo para se vingar dele.

Depois de combinar os pormenores com Willy, Jonas dá início ao seu plano. Durante o jantar com os demais, o fotógrafo disfarçado aproveita um momento de distração de Otto Klein para despejar metade de uma cápsula de cianureto (que ele carregava consigo, caso o seu disfarce fosse descoberto pelos nazistas) no sorvete do comerciante. À noite, ao ver que Klein não estava em sua cabine, mas sim trancado no sanitário masculino, Jonas troca os seus pertences com os do morto, além de deixar o seu passaporte original, sem foto, na cabine do nazista. Tendo sido designado investigador do caso pelo comandante Eckener, Jonas pôde ter a palavra final para a resolução deste, pondo os outros tripulantes uns contra os outros no processo, gerando aborrecimento e raiva aos nazistas. Dessa forma, quando voltamos ao presente da narrativa, vemos Jonas e Willy se reencontrando no Rio de Janeiro, com os dois fazendo amor no quarto de hotel do cavalheiro inglês. O romance termina, então, com uma reflexão de Jonas, enquanto ele e Willy caminham juntos no calçadão da praia. Sentindo o calor do verão na pele e a alegria de se estar vivo, mesmo quando outros o queriam morto por ser quem é, Jonas Kurtzberg se sente sem culpa nenhuma por

[...] ter feito com que Otto Klein se tornasse, enfim, um bom nazista, do único modo concebível que um nazista possa ser bom: estando morto.  
(Machado, 2023a, p. 122)

### 2.3. Sternberg, o zepelim e o entretenimento

O narratologista Meir Sternberg<sup>4</sup>, em seu livro *Expositional modes and temporal ordering in fiction* (1978), elenca como alguns dos principais efeitos que a exposição em uma narrativa pode causar sobre o leitor os efeitos de primazia e recenticidade. Para demonstrar como esses efeitos agem, Sternberg usa como exemplo o clássico romance de William Faulkner, *Luz em agosto* (1932). Nos capítulos iniciais do livro, descobre-se que o personagem Joe Christmas, um homem negro, cometeu um crime bárbaro contra uma mulher branca, e os moradores da cidade (localizada no Sul dos Estados Unidos) o estão caçando. O efeito de primazia, então, se daria pelo fato de que 1) um leitor branco, com o seu racismo arraigado, teria “justificado” o seu viés de confirmação através dessa exposição com pressupostos de caráter racista: o perigo de Joe Christmas advém do fato de ele ser negro (Sternberg, p. 100); ou 2) um leitor não racista se indignaria com a sugestão de que a cor do personagem definiria seu caráter. Todavia, conforme os capítulos avançam - e independentemente do tipo de pessoa que esteja lendo a obra: seja o leitor racista que acha que Joe Christmas é um perigo, seja o leitor inconformado com a caracterização (a princípio) preconceituosa feita pelo autor -, vemos que Faulkner demole completamente esse efeito de primazia. A história de Joe Christmas é contada, e podemos perceber como, desde a sua infância, o personagem sofreu nas mãos da sociedade em que ele está inserido. Foi ela quem “persistentemente sufocou ou perverteu todos os instintos normais da criança, e transformou o homem num fantasma desenraizado, assombrado e torturado, que está continuamente em guerra consigo mesmo e só pode encontrar paz na morte”<sup>5</sup> (Sternberg, p. 101, tradução minha). Assim, o que se sobressai ao final da leitura de *Luz em agosto* é o efeito de recenticidade que a obra causa no leitor:

Não só os dois “blocos” [de capítulos] estão longe de ter o mesmo peso; muitas das informações contidas no primeiro revelam-se também parcial ou totalmente erradas. Neste caso representativo, portanto, é o chocante efeito de recenticidade [...] que prevalece, enquanto o efeito de primazia é relegado à posição de fator qualificador. Mas é devido à tenacidade das primeiras impressões que Faulkner consegue claramente transmitir o seu ponto temático –

---

<sup>4</sup> Um dos principais nomes da narratologia funcionalista, é crítico literário israelense e estudioso da Bíblia pela Universidade de Tel Aviv. Seus trabalhos de maior relevância/impacto incluem *Expositional modes and temporal ordering in fiction* (1978), de grande contribuição para o campo da teoria narrativa, e *The Poetics of Biblical Narrative* (1985), em que propõe uma análise literária acerca das narrativas bíblicas.

<sup>5</sup> No original: “[Society] has persistently stifled or perverted every normal instinct in the child, and has turned the man into a rootless, haunted, tortured phantom, who is continually at war with himself and can find peace only in death.”

o efeito paralisante que a pressão da sociedade e das ideias abstratas ou preconcebidas tem sobre o indivíduo. Pois o desenraizamento do efeito de primazia é tão drástico que o leitor não pode deixar de perceber e deplorar o terrível erro que cometeu (ou poderia ter cometido). O autor, na verdade, atraiu-nos deliberadamente para uma armadilha, usando como isca estereótipos que convidam a respostas padronizadas: o sinistro Estranho e a sua brutalidade, o Contrabandista e as suas atividades obscuras e, acima de tudo, o Negro lascivo, ingrato e homicida. (Sternberg, 1978, p. 101, tradução minha)<sup>6</sup>

Dessa forma, assim como Faulkner se utilizou de pressupostos e pré-julgamentos racialistas (que embasam as atitudes e as concepções racistas) para instigar uma reflexão em seu leitor, Samir Machado de Machado também se utiliza desse processo de contrastar os efeitos de primazia e recenticidade em *O crime do bom nazista* - até mesmo antes de a história começar. Olhando para a sinopse e para o próprio título do livro, o leitor casual já é direcionado a pensar que, em se tratando de um romance detetivesco que se passa dentro de um local fechado (o *Graf Zeppelin*), o crime a que se refere o título da obra é o assassinato de Otto Klein - deixando o leitor a se perguntar qual dos outros tripulantes da aeronave seria o “bom” nazista que matou o outro passageiro, possivelmente um judeu homossexual de esquerda. A própria provocação do autor em colocar duas palavras tão opostas lado a lado no título já serve para deixar os leitores desconfiados: como um nazista pode ser bom? Será que ele é “bom” no sentido de ser extremamente adepto ao radicalismo e aos preconceitos do regime que idolatra, sendo bom *para* os nazistas? Ou haveria alguém ali disfarçado de nazista, alguém que não compactuasse com esses ideais hediondos?

Como pudemos ver na subseção anterior, a resposta a essas perguntas se encontra na própria figura e identidade do protagonista. A princípio, Bruno Brückner poderia ser o “bom nazista” do título: em determinada passagem do primeiro capítulo, vemos ele olhando, sorridente, para um desenho seu dentro do dirigível, que seu sobrinho pequeno, Josef, havia

---

<sup>6</sup> No original: “Not only are the two ‘blocks’ far from equally weighty; much of the information contained in the first turns out to be partly or wholly wrong as well. In this representative instance, therefore, it is the shocking recency effect [...] that prevails, while the primacy effect is relegated to the position of a qualifying factor. But it is due to the tenacity of first impressions that Faulkner signally succeeds in driving home his thematic point - the crippling effect that the pressure of society and abstract or preconceived ideas has upon the individual. For the uprooting of the primacy effect is so drastic that the reader cannot but perceive and deplore the terrible mistake he has (or might have) made. The author has, in fact, deliberately lured us into a trap baited with stereotypes that invite stock-responses: the sinister Stranger and his brutality, the Bootlegger and his shady activities, and above all, the lecherous, ungrateful, homicidal Negro.”

feito e dado de presente para ele, ao partir da estação de trem de Berlim. Em outras ocasiões, vemos como o investigador é bastante perspicaz na hora de analisar as pistas deixadas na cena do crime (um exemplo sendo quando ele reconhece que o pó azul encontrado no equipamento fotográfico de Otto Klein, se misturado a ácido clorídrico, pode formar cianureto), além de demonstrar ser alguém bastante culto em suas conversas com os outros passageiros do zepelino, o que é reforçado pela quantidade de vezes em que aparece lendo livros e revistas sozinho. Assim, em um primeiro momento, Samir Machado de Machado parece querer demonstrar ao leitor, na figura de seu protagonista, que os nazistas não eram monstros vindos das profundezas do Inferno, mas, sim, seres humanos comuns que escolheram o ódio e viviam normalmente com isso: tinham família e entes queridos, estudavam, apreciavam as artes... O perigo jazia não no que monstros poderiam fazer, mas sim na capacidade que uma pessoa comum tinha de banalizar (e praticar) um mal tão grande.

No entanto, vemos que tudo isso se inverte quando, por força do efeito de recenticidade no capítulo final do livro, temos que reavaliar o que nos foi apresentado ao longo do romance. Bruno, na verdade, é Jonas Kurtzberg: quando ele olha para o desenho feito por Josef, ele está pensando em alguém que ama profundamente e que nunca mais irá conseguir ver, já que ele fugiu para o Brasil, e o sobrinho acabou levado a um campo de concentração, juntamente com o restante da família (e de boa parte dos amigos) de Jonas. O fugitivo disfarçado de detetive se mostra tão perspicaz ao analisar a cena do crime e os interrogados não por ele ser muito inteligente e culto (o que ele, de fato, é), mas sim porque foi ele quem planejou e executou o assassinato de Otto Klein, manipulando as circunstâncias e provas a seu favor para garantir a sua própria segurança e sobrevivência. Além disso, Jonas pôde ter um toque a mais de satisfação pessoal, ao ver os nazistas se livrando, desrespeitosamente, do corpo de um dos seus, achando estarem se livrando de alguém que desprezavam - quando, na verdade, estavam ajudando alguém que representava tudo aquilo que eles mais odiavam.

Tzvetan Todorov, na sua *Tipologia do romance policial* (2006), afirma que

Na base do romance de enigma encontramos uma dualidade, e é ela que nos vai guiar para descrevê-lo. Esse romance não contém uma, mas duas histórias: a história do crime e a história do inquérito. Em sua forma mais pura, essas duas histórias não têm nenhum ponto comum. [...]

A primeira história, a do crime, terminou antes de começar a segunda. Mas que acontece na segunda? Pouca coisa. As personagens dessa segunda história, a história do inquérito, não agem, descobrem. Nada lhes pode acontecer: uma regra do gênero

postula a imunidade do detetive. Não se pode imaginar Hercule Poirot ou Philo Vance ameaçados por um perigo, atacados, feridos, e ainda menos, mortos. As cento e cinquenta páginas que separam a descoberta do crime da revelação do culpado são consagradas a um lento aprendizado: examina-se indício após indício, pista após pista. (Todorov, 2006, p. 95)

Com base nessa afirmação, podemos considerar que Samir Machado de Machado está subvertendo essa “formulação” clássica das narrativas detetivescas. A história do inquérito no zepelim serve, sim, como ponte para se tratar da história do crime, mas este não é a morte de um passageiro dentro da aeronave: o “crime” do “bom nazista” ocorreu muito antes da viagem do zepelim sequer começar, quando Jonas Kurtzberg foi espancado quase até a morte pelo fanático Otto Klein. Tampouco o inquérito ocorrido entre os passageiros do *Graf Zeppelin* é o mero desvendamento das circunstâncias e motivos da morte de Klein: é, isso sim, um engodo do próprio investigador do caso, cuja sobrevivência depende disso - já que, se tiver a sua real identidade descoberta, poderá sofrer terríveis consequências nas mãos dos passageiros nazistas.

É interessante notar, também, como Samir Machado de Machado utiliza recursos narrativos de manipulação da exposição em *O crime do bom nazista*. De acordo com Sternberg (1978, p. 1), a função da exposição é introduzir o leitor no mundo fictício que ele está adentrando, dando informações sobre o tempo-espaço em que a obra em questão se passa, por exemplo, ou o contexto das relações e os comportamentos que cada um dos personagens da história possui. No caso de *O crime do bom nazista*, a exposição se faz ainda mais importante, já que, podendo ser encarado como um romance histórico (afinal, o contexto da trama do livro é, majoritariamente, o da Alemanha nazista dos anos 30, o que difere bastante do contexto em que o livro foi escrito/publicado, no ano de 2023, em solo brasileiro), muitas informações e fatos históricos mencionados na trama poderiam não ser de conhecimento do leitor comum que pegasse o livro para ler. Seria necessário, então, haver uma contextualização ainda maior da época em que a trama se passa, para que o romance se sustentasse por si mesmo como uma narrativa bem construída - e não sendo apenas uma história que casualmente se passasse na Berlim do início do século XX. Todavia, essas informações parecem vir à tona no livro de Machado não apenas para um melhor entendimento do contexto histórico retratado na trama, mas, também, para 1) fazer paralelos entre as ideologias nazistas e as recentes movimentações de extrema-direita no Brasil; e 2) manter viva a história, as vivências e as produções artísticas/culturais de pessoas LGBTQIAPN+, durante um período no qual esses (e muitos outros) grupos passaram por um intenso processo de repressão, perseguição e genocídio.

Vejamos o primeiro caso. Ao longo da trama, vemos que as personagens do zepelim - tanto em conversas mais sérias, quanto em outras mais casuais - estão quase sempre falando sobre o que está acontecendo na Alemanha e no mundo naquele momento. A baronesa Fridegunde van Hattem, por exemplo, ao ser questionada por Mr. Hay, no segundo capítulo, sobre o caminho que a arte alemã deveria tomar, responde ao cavalheiro inglês lembrando do (e enfaticamente concordando com o) discurso proferido por Joseph Goebbels (1897-1945) em maio daquele ano, sobre o mesmo assunto, para a classe teatral do país. Em outro momento, o Dr. Vöegler, ao ser questionado por Bruno Brückner/Jonas Kurtzberg sobre o seu envolvimento com o Institut für Sexualwissenschaft, comandado pelo Dr. Magnus Hirschfeld (1868-1935)<sup>7</sup>, demonstra, não pela primeira vez, o seu asco pelos homossexuais, e como, pelo “bem” da Alemanha e da raça ariana, todos eles deveriam ser eliminados.

Porém, quando Herr Brückner reage com espanto a essa afirmação, perguntando se os familiares de tais homens não iriam gerar conflitos e protestos contra tais medidas, o médico sanitarista devolve a pergunta ao detetive:

- Ora, convenhamos, Herr Brückner... quem seria capaz de amar um filho homossexual? [...] Não sejamos hipócritas aqui. O senhor seria capaz? Pessoalmente, eu preferiria que um filho meu morresse em algum “acidente” do que fosse visto abraçado a algum bigodudo por aí. Mas, claro, não corro esse risco porque meus filhos foram bem-educados, não viveram em ambientes como até pouco tempo atrás lamentavelmente se via, nos cabarés regados a bebida barata e música de negros. (Machado, 2023a, p. 81-82)

Além de demonstrar todo o desprezo e preconceitos que o Dr. Vöegler carrega em sua visão de mundo supremacista, a fala do médico também lembra algumas declarações dadas, na vida real, pelo ex-presidente da República brasileiro, Jair Messias Bolsonaro (PL). Em 2011, quando questionado pela cantora Preta Gil, em um programa de televisão, como reagiria se um filho seu namorasse uma mulher negra, o então deputado respondeu que seus filhos “[...] foram muito bem educados e não viveram em um ambiente como, lamentavelmente, é o teu”<sup>8</sup>. No mesmo ano, Bolsonaro também declarou à revista *Playboy* que seria incapaz de amar um filho homossexual, e que preferiria que um filho seu morresse em um acidente do que fosse

---

<sup>7</sup> Médico e sexólogo alemão, de origem judaica, considerado pioneiro na defesa dos direitos dos homossexuais. Ainda que não apareça propriamente no romance enquanto personagem da trama, é constantemente citado ao longo de *O crime do bom nazista*.

<sup>8</sup> Cf. Veja, 2019.



encontrado “[...] com um bigodudo por aí”<sup>9</sup>. Por fim, a fala da baronesa van Hattem (cujo sobrenome, inclusive, faz referência direta ao deputado federal Marcel Van Hattem, do NOVO-RS, um dos principais expoentes da extrema-direita no Brasil) rememorando o discurso de Goebbels, ainda que não tenha vindo da boca do ex-presidente brasileiro, acaba por citar não apenas a versão do discurso dita pelo ministro da Propaganda de Hitler, mas, também, a versão dada pelo Secretário da Cultura durante o governo Bolsonaro, Roberto Alvim, em um de seus pronunciamentos nas redes sociais<sup>10</sup>:

- Ah, eu concordo com o que o ministro Goebbels falou em maio [...] A arte alemã da próxima década precisa ser heroica, ferrenhamente romântica, objetiva e livre de sentimentalismos. Precisa ser imperativa e vinculada às aspirações do povo, ou então não será nada. (Machado, 2023a, p. 24)

Dessa forma, mesmo sem a narrativa dar um salto temporal para mostrar o Brasil contemporâneo ou citar diretamente os nomes de quaisquer representantes do neofascismo no Brasil - e, quando o faz, é apenas usando um sobrenome de origem alemã de um político associado a tal ideologia-, o texto de Samir Machado de Machado acaba por permitir que façamos esse paralelo entre as mentalidades nazista e bolsonarista. O leitor comum, mesmo que não faça ideia de onde as falas ditas pela baronesa e pelo médico eugenista foram retiradas, não irá estranhar vê-las saindo da boca de personagens nazistas, enquanto o leitor mais atinado com a realidade do país nos últimos anos captará a mensagem: ainda que não sejam exatamente iguais, e ainda que estejam em contextos geográficos e temporais bem diferentes, o preconceito, a ideologia e a violência do nazismo ainda se fazem bastantes presentes nos setores da extrema-direita em nosso país.

Já com relação à população LGBTQIAPN+, *O crime do bom nazista* pinta, ao longo de suas mais de 120 páginas, um retrato bastante detalhado e complexo das experiências dessa comunidade em Berlim - tanto na época da República de Weimar, quanto daquela em que os nazistas chegaram ao poder. A começar pelos já citados preconceitos dos personagens no zepelim: várias vezes, ao expressar sua homofobia em voz alta, eles fazem referências a acontecimentos reais que envolveram a existência de pessoas *queer* na Alemanha. Por exemplo: em uma das cenas analisadas anteriormente, quando Herr Brückner questiona o Dr. Vögler sobre o seu envolvimento com o Institut für Sexualwissenschaft (“Instituto de

---

<sup>9</sup> Cf. Terra, 2011.

<sup>10</sup> Cf. ALESSI, 2020.

Sexologia”), a narrativa abre espaço para que se explique quem foi o Dr. Hirschfeld, fundador do Instituto, e como ele se empenhara ativamente para patrocinar estudos científicos, publicações, cirurgias de afirmação de gênero e até mesmo filmes que, de alguma maneira, melhorassem as condições de vida dessas pessoas que, hoje, vemos como parte da comunidade LGBTQIAPN+. <sup>11</sup> Além disso, Machado dá detalhes bastante fortes sobre o tipo de tratamento que os nazistas reservavam a esta comunidade: além do espancamento bastante gráfico e brutal de Jonas Kurtzberg por Otto Klein, o romance menciona a invasão de membros da Juventude Hitlerista ao Instituto de Hirschfeld (além da sua famosa queima pública de livros - estes recolhidos da biblioteca do Instituto); as alternativas a que lésbicas, gays, pessoas trans/travestis e outras pessoas identificadas pela sigla tiveram que recorrer para garantir a sua sobrevivência; e a conseqüente desumanização desses grupos, decorrente das torturas, dos estupros e das prisões promovidas pelos nazistas contra suas comunidade.

Porém, tão importante quanto a descrição feita no romance de opressões e violências infligidas às comunidades LGBTQIAPN+ da Alemanha, é o detalhamento com que Samir Machado de Machado descreve a vida cultural das pessoas pertencentes a essas comunidades. Quando retornamos a maio de 1933, no último capítulo do livro, por exemplo, vemos uma sessão clandestina de cinema organizada por Jonas em seu estúdio de fotografia: nela, o filme que está passando é *Anders als die Andern* (“*Diferente dos outros*”), de 1919. Sua trama é narrada em detalhes: um violinista famoso e seu jovem pupilo se apaixonam, mas são chantageados por outro homem, que os viu andando de braços dados em um parque. O violinista, mesmo processando o chantagista, acaba por ter a sua reputação arruinada, e se suicida, deixando o seu amante sozinho no mundo, sendo este aconselhado pelo Dr. Hirschfeld a seguir honrando a memória de seu amor, lutando para pôr fim aos preconceitos que tiraram a vida do falecido. Já em capítulos anteriores do romance, encontramos outros dois exemplares muito bem detalhados da vida *queer* na Alemanha da época - e, ainda por cima, na própria cena do crime: as revistas de cultura “achadas” na maleta de Otto Klein. Os dois exemplares são publicações que existiram na vida real, e são bastante diferentes entre si: enquanto *Der Eigene* (“O inato”) era uma revista mais discreta e elitista, voltada para o público masculino e gay, com conteúdo de ares mais sérios e profissionais, a revista *Die Insel* (“A ilha”) trazia em seu interior textos e fotos de caráter mais popular, cotidianos e/ou eróticos, voltados para diferentes pessoas não-heterocisnormativas, recomendando bares, hotéis, restaurantes e boates geridos por (e voltados para) homossexuais, lésbicas e travestis. Dessa forma, ao descrever a

---

<sup>11</sup> Cf. Bryan-Quamina, 2024.

diversificação de vivências, pensamentos e experiências *queer* daquele contexto, Machado parece estar questionando diretamente a história única<sup>12</sup> que é constantemente levantada acerca das comunidades LGBTs: uma narrativa em que há apenas dor, preconceito e solidão, ao invés de qualquer complexidade cultural, social e afetiva, pois “é assim que se cria uma história única, mostra-se um povo como uma coisa, como apenas uma coisa, repetidamente, e é isso que eles se tornam.” (Adichie, 2009, p. 3, tradução minha).<sup>13</sup>

Assim, ao somar esta realidade cultural ao ativismo político e ao avanço científico no tratamento e aceitação de pessoas *queer* na Berlim da época, Machado acaba por não reduzir as pessoas que sofreram nas mãos dos nazistas a uma mera condição de *vítimas*: embora tenham sofrido, sido perseguidas e, de fato, mortas pelas políticas genocidas do nazismo, essas pessoas nunca deixaram de se mostrar como sujeitos ativos em sua história - seja através de seu ativismo, seja através de sua própria produção cultural. Tal caracterização pode até mesmo ser encarnada na figura do protagonista do romance, Jonas Kurtzberg: querendo-o morto, ele acaba por subverter as expectativas que os nazistas tinham de sua existência, “[...] por ter contrariado todos aqueles que desejaram seu apagamento, ao teimar em permanecer vivo” (Machado, 2023a, p. 122), e infligir a sua vingança contra aquele que lhe fez tamanho mal.

Ainda tratando da importância que é dada ao detalhamento cultural de pessoas *queer* no romance, é interessante notar o papel destacado do *entretenimento* em *O crime do bom nazista* - tanto dentro quanto fora de suas páginas. Jonas nutre um apreço especial por *Diferente dos outros*: ao final de sua adolescência, depois do mundo ter emergido dos horrores da Primeira Guerra Mundial, assistir a um filme como esse, de temática abertamente homossexual, permitiu que ele colocasse muito mais de si em seu trabalho como fotógrafo - até mesmo impelindo-o a se associar com o editor da *Die Insel*, Friedrich Radszuweit. Diz-nos o narrador do livro:

Friedrich Radszuweit e sua Liga dos Direitos Humanos pertenciam a um ramo mais moderno do movimento, nascido no século XX. E se havia algo em que Radszuweit acreditava era que suprir as necessidades por *entretenimento* era algo tão essencial, tão libertador e tão importante quanto instruir seu público. De que outra forma, dizia, iriam chegar a um público menos esclarecido, para o

---

<sup>12</sup> Conceito criado pela escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Ela o usa, originalmente, para descrever os tipos de narrativas que se criaram acerca da África e de seus povos no Ocidente, que considerava o continente apenas como um lugar de fome, pobreza e guerra, ao invés de se olhar, também, para as suas complexidades e riquezas históricas e culturais. Tal conceito pode ser aplicado a quaisquer grupos étnicos e sociais considerados minoritários perante o Norte Global. Ver ADICHIE, 2009.

<sup>13</sup> No original: “So that is how to create a single story, show a people as one thing, as only one thing, over and over again, and that is what they become.”

qual a leitura dos tratados científicos de Hirschfeld ou do ambicioso jornal literário de [Adolf] Brand<sup>14</sup> eram inacessíveis?

- Não é um *grande* filme - completou Jonas. - Mas na época era bom entretenimento, e me ajudou a ver muita coisa com mais clareza. (Machado, 2023a, p. 103-104)

Tal colocação permite-nos inferir que *O crime do bom nazista* segue uma linha bastante parecida com as de romances anteriores de Samir Machado de Machado, desta vez aplicada para a literatura detetivesca: questões não superadas da História do Brasil e do mundo, com enfoque especial na existência de pessoas *queer* ao longo dela, são tratadas através de um enredo construído em cima de estruturas narrativas de romances populde entretenimento. A escolha desses formatos não é mero acaso, e Machado aponta isso muito bem em seu artigo *O entretenimento é um projeto de país* (2023), publicado na revista Piauí no mesmo ano do lançamento de *O crime do bom nazista*: a crítica e a historiografia literárias de nosso país sempre privilegiaram narrativas de cunhos nacionalista e realista, deixando de lado autores e obras que se voltassem para gêneros literários que não estivessem de acordo com um ideário racional e iluminista da arte - como o terror, a ficção científica, a fantasia e, é claro, a literatura policial. Entretanto, tal fato permitiu que obras estrangeiras, normalmente do mundo anglófono, colonizassem a imaginação e o entretenimento dos brasileiros, já que era mais fácil importar essa mentalidade e cultura de potências do Norte Global do que estimular uma produção própria, local. Além disso, fato esquecido e ignorado pelos defensores da literatura brasileira dita “realista”, é que a própria literatura de entretenimento pode, muitas vezes, servir para embasar e erigir identidades e concepções de nação. Peguemos o caso da literatura imperial inglesa: abundavam, nesses livros, histórias sobre colonizadores europeus que iriam viver aventuras na África ou em outras regiões do mundo, com os protagonistas sempre se mostrando superiores em intelecto e tecnologia aos nativos locais, não-brancos sempre considerados “selvagens”:

[...] os romances vitorianos de aventura e exploração ensinaram o inglês a ser inglês, o que nesse caso, fazia parte, naturalmente, de um projeto colonizador: se o britânico levava o seu império consigo, isso significava educar o povo para ser colonizador, vendo a si mesmo inserido numa hierarquia racial que o posicionasse sempre no topo, e sempre no comando do mundo. (Machado, 2023b)

---

<sup>14</sup> Editor da *Der Eigene*, considerada a rival da *Die Insel*.

Dessa forma, ao trabalhar com estruturas narrativas muito bem estabelecidas pela tradição literária ocidental, desde os contos de Dupin escritos por Edgar Allan Poe, Machado nos propõe um olhar de questionamento para a literatura detetivesca. Se, antes, o foco dessa literatura estava em um indivíduo com intelecto excepcional, que ajuda a manter o *status quo* da sociedade da qual faz parte, a história de Jonas Kurtzberg nos permite pensar em como nos afastar desses individualismos que geram extremismos, ao subverter a ordem estabelecida e propagada pelo governo de Adolf Hitler. É persistindo em continuar vivendo, quando querem o seu apagamento, e lembrando da história de todos aqueles que se encontraram com ele em seu caminho (e das possibilidades de futuro para outras pessoas como ele) que o jovem fotógrafo consegue viver a sua vida ao máximo, enganando os seus algozes e escapando do horror que destinavam a ele e ao seu parceiro.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a tradição literária ocidental do romance detetivesco foi erigida tendo como base a figura do detetive com intelecto excepcional, que serve para restaurar a ordem previamente estabelecida na sociedade da qual faz parte (Dias, 2021), *O crime do bom nazista* se faz notável por parecer ir contra essa corrente - sem, todavia, menosprezá-la de qualquer maneira. Ao contrário, os elementos-base destas narrativas estão todos lá: diversos personagens suspeitos de terem cometido um crime são, pela força das circunstâncias, reunidos em um cenário fechado e isolado para serem interrogados, tal qual muitas histórias de Agatha Christie; a parte final do romance, de forma similar ao que é feito em *Um estudo em vermelho* (1887), de Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930), é dedicada a um *flashback* do passado cronológico da narrativa, que elucida questões e acontecimentos relatados em capítulos anteriores; e o enigma é solucionado por um detetive bastante racional, que enxerga os meandros da cena do crime para além do que as pessoas comuns veem, conforme estabelecido pelos contos de Dupin escritos por Allan Poe e por todos aqueles outros escritores que se seguiram a ele.

Todavia, o romance de Samir Machado de Machado adiciona novas camadas e outras visões a este tão bem consolidado gênero literário, dando continuidade ao tipo de histórias pelas quais o escritor gaúcho ficou conhecido no nosso mercado editorial. Através de mecanismos narrativos elucidados por Meir Sternberg (1978), como os efeitos de primazia e recenticidade - que permitem ao leitor tanto 1) olhar para o seu protagonista de maneira diferente, primeiro enxergando-o como agente da ordem nazista, e, depois, como um sobrevivente que desafia o *status quo* genocida imposto por essa mesma ordem; quanto 2) ao revelar que o crime cometido, na verdade, foi um ato de intolerância e homofobia, ao invés da morte ocorrida no zepelim -, e a manipulação da exposição, Machado consegue construir pontes entre as violências (físicas e psicológicas) cometidas contra a população *queer*, no passado alemão, com aquelas que ainda persistem em nossa contemporaneidade brasileira. Mais do que isso: com essas ferramentas à sua disposição, o autor também consegue erigir um projeto literário de resistência e memória. Todos aqueles que tiveram as suas existências questionadas e/ou negadas - seja pela sua orientação sexual, seja pelo gênero ao qual se identifica; seja no passado, seja no presente - jamais terão a sua luta esquecida.

Sua escrita demonstra os caminhos diversos pelos quais a literatura de entretenimento - e, neste caso específico, a literatura de detetive - pode ser construída. Se ela não apenas propaga, mas também, reafirma e impõe valores (Machado, 2023b), então, que usemos ela para questionar o lugar-comum ao qual somos submetidos o tempo inteiro, através da cultura *pop* e do entretenimento *mainstream* norte-americano e/ou europeu. O Brasil pode, no olhar

descuidado de uma leitura superficial, parecer apenas um mero cenário na trajetória do alemão Jonas Kurtzberg: porém, é nele que o jovem fotógrafo se sente seguro, e em paz, para desfrutar de seu triunfo contra todos aqueles que lhe desejaram mal. Que possamos, a partir desse exemplo, construir novas histórias que tragam esse porto-seguro para as mais diversas pessoas - ao mesmo tempo que, também, construimos uma nova identidade, mais segura e inclusiva, para as pessoas que vivem em nosso país.

#### 4. REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **The danger of a single story**. 2009. Disponível em: <https://sch.rcschools.net/ourpages/auto/2017/7/24/35784355/danger%20of%20a%20single%20story.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2024.

ALESSI, Gil. Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels e é demitido. **El País Brasil**, São Paulo, 16 jan. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-01-17/secretario-da-cultura-de-bolsonaro-imita-discurso-de-nazista-goebbels-e-revolta-presidentes-da-camara-e-do-stf.html#?prm=copy link>. Acesso em: 30 jul. 2024.

BOLSONARO: "prefiro filho morto em acidente a um homossexual". **Terra**, 08 jun. 2011. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-prefiro-filho-morto-em-acidente-a-um-homossexual,cf89cc00a90ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>.

Acesso em: 31 jul. 2024.

BRYAN-QUAMINA, Gabrielle. Magnus Hirschfeld and the Institute for Sexual Science. **Science Museum**, 29 fev. 2024. Disponível em: <https://blog.sciencemuseum.org.uk/magnus-hirschfeld-and-the-institute-for-sexual-science/>. Acesso em: 04 ago. 2024.

CRUZ, Lua Gill da. **Pretéritos futuros: ditadura militar na literatura do século XXI**. 2021. 1 recurso online (322 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1642099>. Acesso em: 1 abr. 2024.

DIAS, Daise Lilian Fonseca. Poe: o pai da literatura policial moderna? In: POE, Edgar Allan. **Os assassinatos na rua Morgue e outros contos**. Tradução de Isadora Próspero; Ilustrações de Fernanda Azou. 1. ed. Rio de Janeiro: Antofágica, 2021. 256 p.

MACHADO, Samir Machado de. **Homens elegantes**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. 576 p.

\_\_\_\_\_. **O crime do bom nazista**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2023a. 128 p.

\_\_\_\_\_. O entretenimento é um projeto de país. **Piauí**, São Paulo, p. 76 - 79, 01 set. 2023b.

\_\_\_\_\_. **Piratas à vista!** 1. ed. São Paulo: FTD Educação, 2019. 192 p.

\_\_\_\_\_. **Tupinilândia**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2018. 448 p.

MUSSA, Alberto. Eu, leitor de Poe. In: POE, Edgar Allan. **Os assassinatos na rua Morgue e outros contos**. Tradução de Isadora Próspero; Ilustrações de Fernanda Azou. 1. ed. Rio de Janeiro: Antofágica, 2021. 256 p.

PONTES, Mário. **Elementares: notas sobre a história da literatura policial**. Rio de Janeiro: Odisséia Editorial, 2007. 192 p.



STERNBERG, Meir. **Expositional modes and temporal ordering in fiction**. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1978. 338 p.

TJ mantém condenação de Bolsonaro por resposta a Preta Gil e falas ao CQC. **Veja**, 10 mai. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/tj-mantem-condenacao-de-bolsonaro-por-resposta-a-preta-gil-e-falas-ao-cqc> . Acesso em: 31 jul. 2024.

TODOROV, Tzvetan. Tipologia do romance policial. In: \_\_\_\_\_. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006. 205 p.